

Exame condena cachorro sadio

LÍVIA NASCIMENTO

DA EQUIPE DO CORREIO

Por muito pouco, o cachorro Oliver, 6 anos, não teve que ser sacrificado em razão de um falso resultado positivo para leishmaniose visceral. O schnauzer faz parte da lista de 6.510 cães examinados este

ano pela Divisão de Controle Ambiental (Zoonoses) no DF para o monitoramento da doença. Segundo o subsecretário de Vigilância à Saúde da Secretaria de Saúde, Joaquim Barros, aproximadamente 30% desses animais, 1.953, são portadores da enfermidade, também conhecida como calazar. A Zoonoses testou

Oliver durante ação no Lago Norte, uma das áreas mais afetadas pelo parasita transmissor da doença, o mosquito-palha.

A divulgação do exame de Oliver abalou toda a família. O aposentado Jorge Cardoso Pires, 65 anos, escondeu o resultado da mulher, Ângela Maria Pires, 61, até receber a contraprova realizada

em uma clínica particular, atestando que o animal não estava doente. "Recebemos o resultado da Zoonoses por telefone, o que é uma pena, porque não temos nenhuma prova concreta contra eles. Poderíamos tê-los processado pelos gastos com os novos exames e principalmente pelo desgaste emocional porque esse

cachorrinho é como se fosse um filho", comenta o aposentado.

A secretaria recomenda que os animais contaminados sejam sacrificados para evitar que o mosquito-palha, transmissor da doença para os humanos, seja contaminado pelo cão doente. O Rifi, método utilizado pela secretaria para a detecção, é um dos

quatro exames para detectar o mal (veja quadro).

A médica-veterinária, Gláucia Mansur, defende que o diagnóstico deva ser feito por ao menos dois tipos de exames e análise clínica. "Nenhuma técnica é 100% confiável. Por isso a recomendação da combinação de exames", explica.

Paulo H. Carvalho/CB/DA Press



ÂNGELA TRATA OS CÃES COMO FILHOS: SUSTO COM O EXAME ERRADO

OS TESTES

Elisa

Permite a detecção de anticorpos no plasma sanguíneo. É utilizada no diagnóstico da leishmaniose e seus resultados baseiam-se na detecção de anticorpos antileishmania. Não avalia a carga parasitária, mas a resposta imunológica do animal contra o agente. Podem, portanto, acontecer resultados falso-negativos e falso-positivos.

Imunofluorescência (RIFI)

O teste utilizado pela Secretaria de Saúde é considerado o padrão-ouro pelo Ministério da Saúde (MS). Baseia-se na detecção de anticorpos antileishmania. A melhor forma de aumentar a sensibilidade e a especificidade do diagnóstico é a realização combinada dos dois testes, Elisa e Rifi. Em resultados discordantes o mais indicado

é considerar o quadro clínico do animal e repetir o exame após um mês.

Exame parasitológico direto

O exame direto é realizado por meio de punção na medula óssea. Trata-se de um teste de alta especificidade. Ou seja, uma vez visualizado o parasita, não há dúvidas quanto à positividade da amostra. É considerado o mais seguro por especialistas, se for positivo.

Reação em cadeia de polimerase (PCR)

Vários estudos demonstram que a PCR é altamente específica e mais sensível do que os métodos microbiológicos clássicos utilizados para o diagnóstico da doença. O teste permite a detecção do parasita com sondas específicas de forma não invasiva, através da amplificação do DNA da leishmania.